

CONTRIBUIÇÕES DA TECNOLOGIA EDUCATIVA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: propostas de intervenção para a Psicopedagogia Clínica

Josiane Carla Medeiros de Sousa¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é investigar as contribuições da tecnologia educativa no processo de aprendizagem, sob um olhar da intervenção psicopedagógica clínica. De forma específica descrever as etapas para o diagnóstico psicopedagógico clínico, apresentar as observações feitas através da realização das sessões do diagnóstico psicopedagógico e discutir propostas de intervenção mobilizadas pelas tecnologias educativas. Trata-se de um Trabalho de Conclusão do Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional das Faculdades Integradas de Patos, fruto do estágio de Acompanhamento do Diagnóstico Psicopedagógico Clínico. O percurso metodológico tratou de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, exploratória e descritiva. Como procedimento de coleta e análise dos dados foram realizadas as sessões de Psicopedagogia de diagnóstico clínico com uma estudante do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Patos, interior da Paraíba. Essas sessões fundamentaram as categorias de análise deste artigo, além da revisão de literatura com base nos teóricos que norteiam o trabalho, como Bossa (2000), Freire (2005), Mantovani e Santos (2011), Sampaio (2009), Visca (1987), Vygostky (1996) e Weiss (2003).

Palavras-Chave: Tecnologia, Educação, Aprendizagem, Psicopedagogia Clínica.

INTRODUÇÃO

Ensinar e aprender sempre foram considerados processos desafiadores para alunos e professores. Buscam-se técnicas, metodologias e didáticas para potencializar a pedagogia empregada dentro e fora das salas de aula. Atualmente a Sociedade do Conhecimento, alicerçada pela busca constante de informação tem na tecnologia uma aliada para mediar o ensino e a aprendizagem através de uma práxis dialógica. As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) são consideradas recursos presentes em praticamente todos os setores da sociedade e na educação não poderia ser diferente.

Cada vez mais as tecnologias são utilizadas em prol de mobilizar saberes pela multiplicidade de funções como vídeos, sons, áudios, aplicativos, softwares que oferecem condições atrativas de emissão e recepção de conteúdo. Não se trata de substituir os recursos

¹ Mestre em Ensino (UERN). Professora das Faculdades Integradas de Patos (FIP). E-mail: josianesousa@fiponline.edu.br.

didáticos tradicionais e sim implementar novas práticas que venham também contribuir com o processo pedagógico de forma sensorial e dialógica.

Dentro do campo da Psicopedagogia não é diferente. É desafiador para profissionais da área, analisar qual seria o melhor método de intervenção depois da realização das sessões de diagnóstico clínico. Inúmeras são as opções pedagógicas, mas é fundamental ter o domínio do tipo da dificuldade de aprendizagem apresentada pelo aprendente e de que forma intervir com foco do desenvolvimento integral com propósito educacional.

Nesse contexto a utilização das tecnologias educativas no processo de aprendizagem pode corroborar com resultados positivos de acordo com a forma que o profissional utilize essas ferramentas, sempre com intencionalidade pedagógica. Muitos são os casos de queixa referente à má utilização das tecnologias.

Pais reclamam que seus filhos passam horas no computador, nos smartphones, e esse uso desregrado pode refletir no desenvolvimento. É notório o interesse das crianças e adolescentes por tecnologia, então por que não aproveitar deste fato para utilizar a tecnologia em prol do seu desenvolvimento cognitivo mobilizado pela inserção destas ferramentas após o diagnóstico psicopedagógico clínico?

Diante dessa pragmática o objetivo do trabalho é investigar as contribuições da tecnologia educativa no processo de aprendizagem, sob um olhar da intervenção psicopedagógica clínica. De forma específica descrever as etapas para o diagnóstico psicopedagógico clínico, apresentar as observações feitas através da realização das sessões do diagnóstico psicopedagógico e discutir propostas de intervenção mobilizadas pelas tecnologias educativas.

METODOLOGIA

Este artigo trata-se de um Trabalho de Conclusão do Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional das Faculdades Integradas de Patos, fruto do estágio de Acompanhamento do Diagnóstico Psicopedagógico Clínico. O percurso metodológico tratou de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, exploratória e descritiva.

Como procedimento de coleta e análise dos dados foram realizadas as sessões de Psicopedagogia de Diagnóstico Clínico com uma estudante do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Patos, interior da Paraíba. Essas sessões fundamentaram as categorias de análise deste artigo, além da revisão de literatura com base nos teóricos que

norteiam o trabalho, como Bossa (2000), Freire (2005), Mantovani e Santos (2011), Sampaio (2009), Visca (1987), Vygostky (1996) e Weiss (2003).

DESENVOLVIMENTO

A Psicopedagogia é um campo recente de estudos com surgimento no final da década de 80, tendo como objetivo estudar, compreender e intervir no processo da aprendizagem humana. É uma área que não se limita a analisar as dificuldades em aprender, mas também suas causas e meios para a promoção de uma aprendizagem eficaz com referência no desenvolvimento individual e coletivo.

A Argentina é considerada um país de referência ao se falar em Psicopedagogia. Autores como Jorge Visca (Epistemologia Convergente), Alicia Fernandez e Sara Paín, fazem parte do rol de estudiosos da área. No Brasil não é diferente. Hoje muitos pesquisadores se dedicam a compreender a Psicopedagogia e suas dimensões, a exemplo de Simaia Sampaio, Nádia Bossa e Maria Lucia Lemme Weiss.

A Epistemologia Convergente é considerada também uma prática. O termo foi empregado com base na investigação do processo de aquisição do conhecimento em três esferas, a afetiva, a cognitiva e a social, Visca (1987). Trata-se de um processo de interação, abordado por Vygotsky (1996), quando relata que o indivíduo é formado por dimensões biológicas, histórias e sociais, quando um desses elementos se distancia, é possível começar a existirem os problemas de aprendizagem.

Por meio de diagnóstico clínico, segundo Sampaio (2009, p. 17) é possível “identificar as causas dos bloqueios que apresentam nos sujeitos com dificuldades de aprendizagem”, sendo necessário um acompanhamento investigativo para realizar sessões com base aspectos objetivos e subjetivos, conforme explica Weiss (2008):

[...] uma investigação, é uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada. Será, portanto, o esclarecimento de uma queixa, do próprio sujeito, da família e, na maioria das vezes, da escola. No caso trata-se do não-aprender, do aprender com dificuldade ou lentamente, do não-revelar o que aprendeu, do fugir de situações de possível aprendizagem. (WEISS, 2008, p. 29).

É notório que a construção do conhecimento humano perpassa por uma série de questões, seja de nível cognitivo, social, pedagógico, aspectos de relacionamento familiar, ou

seja, a aprendizagem necessita de um conjunto de engrenagens que funcionem em consonância com o sujeito e com o meio em que ele interage.

Se um destes aspectos não está em harmonia com os demais, é possível que o estudante apresente dificuldades de aprender. Bossa (2000, p. 24), também relata a importância do diagnóstico e descreve sua função, quando descreve que é “um processo que permite ao profissional investigar, levantar hipóteses provisórias que serão ou não confirmadas ao longo do processo recorrendo, para isso, a conhecimentos práticos e teóricos”, que contribuirão com a confirmação ou não das suposições.

De acordo com a autora a investigação permanece durante todas as sessões por meio da escuta psicopedagógica e das intervenções. O diagnóstico psicopedagógico abrange áreas da Neurologia, da Psicopedagogia e da Psicologia, permitindo analisar aspectos significativos de reconhecimento do real motivo que causa a dificuldade em aprender.

A *primeira sessão* é a entrevista de contato com os responsáveis. Rosa (2009, p. 33) fala sobre este processo de contrato com os pais, explicando que “a dificuldade de aprender torna-se o foco do trabalho”. É preciso que a família adquira confiança no psicopedagogo para que as sessões aconteçam da melhor forma possível, evitando ataques ao profissional que podem acontecer no momento da entrevista, conforme alerta Visca (1987). Weiss (2008 p.46) diz que “as múltiplas formulações feitas pelos pais, pela escola e pelo próprio paciente em sua autoavaliação precisam ser analisadas nos seus diferentes significados”, norteadas a investigação.

A *segunda sessão* é a EOCA – Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem. De acordo com Sampaio (2009, p. 35), é objetivo da EOCA “investigar os vínculos que ela possui com os objetos e os conteúdos de aprendizagem escolar, observar suas defesas, condutas evitativas e como enfrenta novos desafios”, visando observar o desempenho da criança e que tipo de modalidade de aprendizagem ela se enquadra e o levantamento de hipóteses.

As 3ª e 4ª sessões são as aplicações das provas operatórias. Segundo Weiss (2008 p.106), “as Provas Operatórias têm o objetivo principal de determinar o grau de aquisição de algumas noções-chave do desenvolvimento cognitivo, detectando o nível de pensamento alcançado pela criança”. É o que também explica Sampaio (2009).

Por meio da aplicação das provas operatórias, teremos condições de conhecer o funcionamento e o desenvolvimento das funções lógicas do sujeito. Sua aplicação nos permite investigar o nível cognitivo em que a criança se encontra e se há defasagem em relação à sua idade cronológica, ou seja, um obstáculo epistêmico. (SAMPAIO, 2009, p. 41).

A autora indica que ao aplicar as provas, deve-se evitar apresentar várias provas da mesma modalidade, ou seja, várias de seriação. É interessante que haja uma diversidade de tipos de provas em casa sessão, ou seja, que se alterne entre provas de conservação, classificação e seriação, por exemplo.

As 5ª e 6ª sessões são aplicadas as Técnicas Projetivas que têm como objetivo investigar os vínculos que a criança apresenta em três esferas: a escola, a família e consigo mesma. Sobre este método, Weiss (2003) fala que:

É possível, desse modo, buscar relações com a apreensão do conhecimento como procurar, evitar, distorcer, omitir, esquecer algo que lhe é apresentado. Pode-se detectar, assim, obstáculos afetivos existentes no processo de aprendizagem de nível geral e especificamente escolar. (WEISS, 2003, p. 117).

A 7ª e 8ª sessões são outros testes com o objetivo de avaliar o nível pedagógico e seu fundamento cognitivo. Sampaio (2009, p. 123), explica que partem da “necessidade de uma avaliação mais ampla sobre o sujeito avaliado no intuito de conhecê-lo melhor e coletar mais dados para posterior intervenção”. Para Weiss (2008, p. 94) “a investigação do nível pedagógico pode ser feita de diferentes maneiras. Uma delas é através do uso das chamadas provas pedagógicas clássicas”. De acordo com a autora, nessa fase é possível trabalhar textos de leitura, séries de problema, com a dificuldade crescente, pois assim indicará o nível de escala que o sujeito se encontra.

Com intuito de obter melhor conhecimento sobre a história de vida do aprendente é realizada a 9ª sessão. Segundo Sampaio (2019, p. 143), a Anamnese tem como objetivo “resgatar a história de vida do sujeito e colher dados importantes que possam esclarecer fatos observados durante o diagnóstico, bem como saber que oportunidades este sujeito vivenciou como estímulo a novas aprendizagens”, sendo imprescindível para reavaliar algumas hipóteses, conforme aponta Weiss (2008):

Considero a entrevista de anamnese um dos pontos cruciais de um bom diagnóstico. É ela que possibilita a integração das dimensões de passado, presente e futuro do paciente, permitindo perceber a construção ou não de sua própria continuidade e das diferentes gerações, ou seja, é uma anamnese da família. A visão familiar da história de vida do paciente traz em seu bojo seus preconceitos, normas, expectativas, a circulação dos afetos e do conhecimento, além do peso das gerações anteriores que é depositado sobre o paciente. (WEISS, 2008, p. 63).

A 10ª sessão tem como objetivo informar os resultados obtidos do processo de Diagnóstico Psicopedagógico Clínico aos responsáveis e a escola com o intuito de indicar possíveis intervenções, é a devolutiva. O informe psicopedagógico tem como finalidade “resumir as conclusões a que se chegou à busca de respostas às perguntas que motivaram o diagnóstico”, é o que afirma Weiss (2003, p. 138).

Através da realização das sessões de psicopedagogia clínica, é possível diagnosticar as deficiências de aprendizagem apresentadas durante cada passo, desde a queixa até a anamnese. Todas as etapas são importantes para que o profissional tenha uma investigação baseada em elementos diversos, seja por meio do sujeito, da escola e da família. Estas observações serão apresentadas na próxima categoria por meio do que foi entregue à família com o Informe Psicopedagógico.

De acordo a escola indicada a queixa apresentada sobre E.S.R. diz respeito à falta de atenção da aluna em sala de aula. Ela é desinteressada, não faz as tarefas com facilidade, tem dificuldade na leitura e escrita. Não interage com os colegas, geralmente é agressiva e faz “birra” quando sua vontade não prevalece. Não executa as atividades em casa e não acompanha o ritmo de aprendizagem da maioria da turma. Suas notas são bem abaixo da média. Falta bastante às aulas e em casa só se interessa por celular e massas de modelar.

Todas essas informações foram confirmadas pela mãe na 1ª sessão, a contratual. Rosa (2009, p. 33) fala sobre este processo de contrato com os pais, explicando que “a dificuldade de aprender torna-se o foco do trabalho”. É preciso que a família adquira confiança no psicopedagogo para que as sessões aconteçam da melhor forma possível, evitando ataques ao profissional que podem acontecer no momento da entrevista, conforme alerta Visca (1987). Diante do que foi exposto até aqui com as informações coletadas, na escola e com a genitora de E.S. R., foi possível partir para o primeiro contato com a criança.

As sessões foram realizadas em uma Escola Pública de Ensino Fundamental da cidade de Patos, Estado da Paraíba. Todas as etapas foram seguidas com base em Sampaio (2009), que de forma clara e objetiva propõe o que deve ser feito em cada sessão e como mediar cada momento com a aprendente, utilizando de recursos didáticos e atividades diversas com o objetivo de observar, analisar e reconhecer o que está causando a dificuldade em aprender.

O diagnóstico não pode ser um momento estático, é preciso movimento. Se trata de uma avaliação que envolve vários níveis do desenvolvimento, analisando as capacidades e possibilidades da aprendizagem por meio de alguns princípios como leitura e interpretação do sintoma, os obstáculos interacionais e de conhecimento, as origens e históricos da dificuldade apresentada.

Com relação às sessões realizadas com a estudante segue um quadro descritivo com um resumo do que foi observado e desenvolvido com relação a cada etapa do diagnóstico psicopedagógico:

Quadro descritivo 1 – Das sessões realizadas para o diagnóstico psicopedagógico

Sessão	Atividade realizada	Feedback de E.S.R.
2ª	EOCA – Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem com vistas à avaliação diagnóstica do modelo de aprendizagem.	Modalidade hiperassimilativa; Hipóteses: Egocentrismo, rejeição à escrita e leitura, baixa estima.
3ª e 4ª	Provas Operatórias: Conservação de quantidade de líquidos, classificação de frutas, seriação em palitos, conservação de massa.	Grau de construção no estágio pré-operatório apresentando dificuldades e inconsistência na compreensão lógica.
5ª e 6ª	Técnicas Projetivas: Par Educativo, Planta da Casa, Vínculo consigo mesma.	Desvalorização do processo do ensinar e do aprender, considerando hierárquico e verticalizado. Reconhece a sala e seu quarto como ambientes do seu pertencimento, o restante da casa não. A aprendente desenhou ela e um celular, demonstrando a importância que dá ao aparelho.
7ª e 8ª	Outros testes pedagógicos: lateralidade: apresentar mão esquerda, mão esquerda e olho dominante; noção temporal: dias e horas da semana; consciência fonológica: palavras com rimas, associação de palavras e imagens; sondagem escrita: ditado de palavras e nome completo; cálculos: adição e subtração com palitos de picolé.	Não reconhece direito e esquerdo, olho direito dominante; Dificuldade em dizer dias e horas da semana. Não tem consciência do horário que acorda ou vai para a escola. Apresentou confusão com relação às rimas, palavras e imagens. Dificuldade em relacionar os sons com as sequências silábicas. Com relação às atividades de cálculos, mostrou interesse e desenvolveu bem a atividade proposta. Estágio pré-silábico.

Fonte: Autoria própria (2019)

De acordo com as sessões realizadas é possível observar a variedade de atividades e recursos didáticos para a avaliação diagnóstica da aprendente, que apresentou baixa estima e preguiça durante a maior parte dos encontros. A dispersão também é aparente. Com relação à Anamnese foi relatado pela mãe adotiva que a aprendente de 11 anos, que está no 3º ano, mora com ela e o padrasto que é o seu avô biológico materno. E.S.R. sabe de toda a sua história que foi deixada com o avô para ser criada como filha e demonstra com clareza a falta

da mãe biológica, já que a conhece e por vezes a encontra, mas sente-se rejeitada segundo a mãe adotiva.

A criança está muito acima do peso, não faz atividades físicas, não ajuda nos afazeres domésticos e quer passar o dia inteiro no celular ou tablet. Tem desequilíbrio no sono, toma medicação controlada para isso. Apresenta compulsão alimentar, principalmente quando está em estado de euforia, seja muito triste ou muito feliz. De acordo com a mãe adotiva como está entrando na fase da puberdade, a mãe já foi chamada algumas vezes na escola, pois E. S. R. se insinua com frequência para os colegas de sala.

A devolutiva foi realizada para a escola e para a mãe com a conclusão de que E.S.R é uma criança imatura para a sua idade, que foi abandonada pela mãe biológica, é criada pela mãe adotiva que é muito dedicada, mas não supre a carência emocional que a aprendente necessita. Wallon (1981) cita a afetividade como elemento importante para o processo do aprender. A criança demonstra megalomania, egocentrismo e falta de interesse e motivação para aprender. Falta constantemente à escola, não demonstra afetividade quando fala do professor e possui estima baixa.

A aprendente apresenta aspectos relacionados à dislexia e TDAH. De acordo com Snowling (2004, p. 25), “a dislexia se manifesta por uma dificuldade variável em diferentes formas de linguagem, incluindo, além de um problema na leitura, um problema conspícuo na aquisição de proficiência na escrita e no soletrar”, elementos observados durante a investigação diagnóstica que mostrou a dificuldade que E. S. R. possui nestes campos.

Com relação ao Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, a estudante apresenta três características básicas que indicam a presença da desordem com relação à dificuldade de atenção, a hiperatividade e a impulsividade. Amorim (2010), afirma que existem vários tipos de TDAH, no caso deste estudo, o Imperativo Impulsivo é o mais provável de acordo com o que foi acompanhado.

Para a reconstrução de suas hipóteses quanto escrita e leitura, recomenda-se a exploração dos conhecimentos já atingidos por E. com elogios por suas realizações e incentivo para tentar fazer de formas diferentes. Importante ressaltar a autoestima da aluna comprometida, muito baixa, possivelmente pelo desprezo da mãe biológica que ela tanto busca, mas não atende suas necessidades emocionais.

É interessante que a mãe adotiva desenvolva horários bem definidos em relação aos afazeres da casa, das atividades escolares, uma atividade física para a aprendente que demonstra muita ansiedade e repressão. Fazer ao máximo para diminuir o uso do celular de

forma aleatória, pois pelo que foi relatado, está dominando a rotina da criança em seu lar, contribuindo e refletindo nos aspectos de aprendizagem da escola.

Pelo que foi conversado, a aprendente fica por muito tempo no mundo digital, isolada naquele ambiente sem estímulos reais, interessada em filmes de terror e jogos de violência. Hoje com as tecnologias, já que E. se interessa tanto pelo celular, é possível que a utilização de jogos e aplicativos pedagógicos possam propiciar a vontade ao aprendizado, conforme orienta Almeida (1998).

Por ser uma criança por vezes dispersa, é interessante variar ao máximo as propostas pedagógicas com a aprendente, para que possa oferecer oportunidades que despertem nela o interesse em ser realmente alfabetizada, acompanhar a turma a qual ela está matriculada e avançar em seu crescimento intelectual, começando por intervenções que busquem o acompanhamento dos quadros de dislexia e TDAH.

É aconselhada prioritariamente a inserção do lúdico, jogos de adivinhações, rimas, músicas, alfabeto móvel, recorte de músicas, dramatizações, dentre outras atividades em grupo, que possam mobilizar o aprendizado de forma significativa, Sampaio (2009). Também um reforço extra em horário oposto ao da escola para que E.S.R. possa atingir o processo de alfabetização e letramento, desenvolver as habilidades leitoras e sua capacidade integralizada e saudável de aprendizagem. Terapias comportamentais, reajuste das rotinas diárias e busca pela organização com funções domésticas e escolares devem ser levadas em consideração, além da busca por profissionais especializados multidisciplinares para auxiliar no tratamento do transtorno.

A aluna apresenta uma atração pelo celular, esse fato pode ser levado em conta como motivação pedagógica. Pela identificação que a aprendente tem com o aparelho, possivelmente será produtivo inserir o celular mediando conteúdos através de aplicativos que estimulem ao aprender brincando, sendo esta uma das formas de intervenção indicadas para a criança em questão. Inúmeros são os recursos tecnológicos que podem vir a favorecer a assistência para a alfabetização, além da dislexia e TDAH.

Pesquisas mostram que cada vez mais as tecnologias educacionais fazem parte do processo de reorganização da aprendizagem. Reconhecê-las como um recurso a mais para as intervenções psicopedagógicas, pode vir a ser um caminho para a ampliação de formas e meios já existentes com fins de aplicabilidade educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente muitas pessoas utilizam tecnologias digitais com variados propósitos. Na educação, cada vez mais é recorrente a mediação pedagógica através de recursos tecnológicos que colaborem com o processo de ensino e aprendizagem. Valente (1999, p. 17), apresenta a importância das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), na educação, como “uma ferramenta de complementação, de aperfeiçoamento e de possível mudança na qualidade do ensino”. A utilização adequada da tecnologia educativa cria condições para que estudantes e professores exercitem a capacidade de pesquisa, seleção de informações, resolução de problemas e aprendizado dialógico, Freire (2005).

Enquanto educadores, os professores precisam estar atentos ao desempenho didático junto aos alunos. Um dos desafios é a utilização das TIC como ferramenta de suporte ao ensino, conforme orientam Sampaio e Leite (2010, p. 37). Através das tecnologias como instrumento a serviço da educação e suas potencialidades é possível o melhoramento da motivação em aprender e gerar relacionamentos e novas linguagens consigo e com o mundo.

Desta forma, a linguagem se transforma no sentido de modificar a relação entre homem e realidade natural e social, gerando um processo de construção e/ou reconstrução e de interação do sujeito em seu espaço social, é o que explica a teoria de Vygotsky (2001), de forma construtivista.

Tecnologia, segundo o filósofo francês Pierre Lévy (1999, p. 25) “é uma criação do homem, produzida num determinado contexto social e cultural carregando em si projetos, valores, esquemas imaginários e implicações variadas”. Pode também ser interpretada como a técnica de estudo de ferramentas e sua empregabilidade no que diz respeito à criação de um novo meio, ideia, com o objetivo de ser utilizado pela sociedade. A tecnologia é proveniente das novas necessidades das pessoas e cada vez mais está sendo usual em práticas educativas.

A informática é um meio de trabalho atraente, com diversas possibilidades de interação, de comunicação e de crescimento pessoal e educacional. Porém, é responsabilidade do educador, conhecedor e integrado com seu instrumento de trabalho, proporcionar uma interação entre a tecnologia e seus alunos de maneira eficaz, fazendo que eles construam conhecimentos planejados de forma dinâmica e satisfatória. (ALMEIDA, 1998, p. 20).

Mesmo diante das potencialidades oferecidas pela tecnologia como meio para diversificar os recursos pedagógicos a serem utilizados por professores e alunos, é preciso o

reconhecimento da intencionalidade educacional existente no processo, para que o ensinar e aprender sejam válidos e eficazes.

Com relação às intervenções para a aprendente E.S.R. é preciso de início propor atividades com foco na alfabetização e letramento, de forma específica na leitura, escrita e oralidade, observando os níveis de dificuldade, já que mesmo estando o 3º ano, a estudante não acompanha ainda o conteúdo desta etapa do ensino, precisando ser gradativa a intervenção.

Sobre o TDAH, existe um aplicativo chamado Os Guardiões da Floresta, um gamebook que tem como objetivo potencializar as funções de execução, planejamento, flexibilidade cognitiva, atenção, monitoramento e memória de atividades para criança com idade entre 8 e 12 anos. É gratuito e fácil de baixar. Através do software a criança brinca aprendendo e se organizando através dos desafios que são disponibilizados em formato de solução de problemas. O jogo foi criado por profissionais especializados como pedagogos, psicólogos e designers, o que mostra a importância da ferramenta com propósito educacional.

Um dos sites que oferecem uma grande variedade de exercícios é o Smartkids, com jogos educativos, desenhos para colorir, quebra-cabeças para crianças da pré-escola até os 12 anos de idade. A plataforma propõe a interação do usuário com os conteúdos diversos através de atividades correspondentes leitura e interpretação de palavras e números, além de raciocínio lógico. A plataforma pode ser utilizada pelo Datashow na sala de aula para que todos os alunos participem, ou de forma individual, pelo smartphone ou tablet.

Figura 1 – Template do site Smartkids



Fonte: Portal Smartkids

Outra opção de tecnologia educativa é o Silabando. O aplicativo apresenta um display simples, interativo e divertido. O Silabando oferece sílabas simples e complexas com a ilustração de imagens para cada palavra correspondente, o que facilita a relação de memorização. Através do celular o professor pode estimular o aprendente a apresentar as sílabas, montar por meio de desenhos, completar a palavra com a sílaba correta, além do recurso de áudio para estimular a pronúncia.

Figura 2 – Display do Aplicativo Silabando



Fonte: Imagem da Internet

Com relação a gamificação, ou seja, a utilização de jogos com intencionalidade educacional, uma das plataformas mais sugeridas e avaliadas como potencial no processo de aprendizagem é o PalmaKids. Trata-se de um jogo destinado para crianças a partir dos 4 anos de idade e que estejam em processo de alfabetização, seja no português ou no inglês.

De forma lúdica e interativa é feita a apresentação das letras do alfabeto. O jogo indica que é possível o desenvolvimento da memória auditiva e visual, atenção, concentração e coordenação motora. Tudo, por meio de uma plataforma em que a criança precisa conquistar a galáxia do alfabeto e deixar os planetas felizes ao salvar cada uma das letras.

O PalmaKids orienta as crianças nas conquistas que deve fazer, explicando como interagir e participar das atividades, estimulando a busca pelo cumprimento de metas e a não desistir diante dos obstáculos. É um jogo que possivelmente vai atrair a atenção da aprendente, que se identifica com softwares com desafios a serem realizados.

Figura 3 – Template do Jogo PalmaKids



Fonte: Imagem da Internet

É oportuna a reflexão de que na contemporaneidade as TIC oferecem variadas possibilidades de utilização e mediação do conhecimento, dentro e fora da sala de aula. Através de mídias como o áudio, som, vídeos e software educativos, é possível desenvolver linguagens plurais que favoreçam o processo de aprendizagem da leitura, escrita e oralidade. O aplicativo Aramumo é especializado em conteúdo para crianças com dislexia.

De acordo com o site Dislexclub, o software tem como foco o desenvolvimento linguístico. Trata-se de um jogo que o participante deve ouvir um conjunto de palavras e arrastar bolhinhas que flutuam na tela para as posições corretas na grade quadricular, correspondendo às palavras emitidas.

Através das tecnologias digitais, o professor aproveita as vivências dos alunos para contextualizar aos conteúdos curriculares e proporcionar uma prática pedagógica de aprendizado crítico e reflexivo. Preto (2014) chama atenção para a importância das tecnologias nesse aspecto, quando é preciso unir as metodologias tradicionais às novas formas de tecnologia educativa. De acordo Mantovani e Santos (2011), a seleção e o processo de escolha das tecnologias a serem utilizadas no contexto psicopedagógico deverão ser criteriosos.

Em relação aos requisitos pedagógicos, os recursos computacionais deverão ser didaticamente bem estruturados, explorando a interatividade proporcionada pelos recursos multimídia, aliados aos ambientes hipermídia, para instigar o sujeito a “desenvolver a capacidade de representação por meio de palavras (signos verbais) e/ou imagens mentais (símbolos imagéticos), testar diferentes caminhos”, (MANTOVANI; SANTOS, 2011, p. 297). Sobre os requisitos técnicos e computacionais as autoras chamar atenção que é necessário:

Apresentar facilidades de uso, possibilitando acesso intuitivo por parte de professores e/ou psicopedagogos e alunos e/ou pacientes não familiarizados com o manuseio do computador, dispor de interface e navegação adequadas para compreensão do conteúdo ou conceitos apresentados e à faixa etária a que se destina; Apresentar design agradável, claro, bem elaborado, com fácil funcionamento e execução na web. (MANTOVANI; SANTOS, 2011, p. 298).

No contexto psicopedagógico a utilização das tecnologias educativas possibilita que os atores sociais envolvidos no processo possam ensinar e aprender mediados por notebooks, tablets e smartphones, que despertam atenção das crianças desde cedo e podem vir a ser recursos interessantes para auxiliar nos atendimentos de forma criativa e interativa. .

Valente (1999) menciona que a utilização da tecnologia de uma maneira inteligente na área da educação pode promover a autonomia de professores e alunos, bem como flexibilizar o sistema tradicional das práticas estabelecidas.

A união das intervenções clássicas com os recursos comprovadamente eficazes às tecnologias educativas podem favorecer os momentos psicopedagógicos no tocante à diversidade de elementos dispostos ao trabalho docente, com intencionalidade educacional e pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desbravar o mundo da psicopedagogia não é uma tarefa fácil. Suas complexidades fazem com que seja primordial a pesquisa, o estudo, o conhecimento contínuo em busca de formas, métodos e recursos que favoreçam a aprendizagem.

Não existem fórmulas. Existem crianças dentro dos seus ambientes domésticos, escolares e dentro deles próprios sem se sentirem em lugar algum, e essa instabilidade emocional possivelmente atinge o processo de interação com o outro, a vontade de ler, de escrever, de se reconhecer e de reconhecer o outro fica cada dia mais distante.

Mas é possível. Quantas e quantas crianças já conseguiram ter suas rotinas e suas vidas na escola modificadas de forma positiva através das intervenções psicopedagógicas? Quantas e quantas crianças já tiveram seus cotidianos modificados em casa, o que não é tarefa fácil diante das inúmeras obrigações diárias de seus responsáveis, mas uma atenção a mas foi o suficiente para a observação de uma mudança de comportamento?

É preciso de início observar o que lhe atrai para aprender. No caso deste artigo a aprendente se identifica pelo aparelho do celular, daí a iniciativa em promover pesquisas com este foco, estimular a aprendizagem por meio das tecnologias educativas. Neste campo muito existe para propor. O que foi apresentado é só um pequeno recorte dentro do imenso planeta de possibilidades.

Cada vez mais pesquisadores estão se dedicando a aprimorar a tecnologia em prol da educação. É possível contar com aplicativos, sites e jogos que venham mediar conteúdo até mesmo com intenção de corroborar com transtornos e síndromes, sendo desenvolvidos com foco em cada deficiência ou dificuldade, como no caso do TDAH e da dislexia.

É considerável que a utilização das tecnologias da informação e da comunicação nas intervenções psicopedagógicas pode vir a ser uma ferramenta que promova a aprendizagem de forma significativa por despertarem o interesse, motivação, curiosidade e prazer em interagir com o novo por meio da ludicidade e da linguagem atraente que os elementos tecnológicos oferecem.

Assim, fica a expectativa de que a pesquisa venha contribuir com as intervenções já realizadas, lembrando que não é objetivo da tecnologia tomar espaço das ações clássicas da psicopedagogia, mas somar, aliar, ser mais um recurso didático que possa promover o conhecimento, a motivação e o prazer pela aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando José de. **Educação e informática**: os computadores na escola. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1998.

AMORIM, Cacilda. **Instituto Paulista de Déficit de Atenção**. 2010. Disponível em: <https://dda-deficitdeatencao.com.br/> . Acesso em: 19 de junho de 2019.

BOSSA, Nádia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MANTOVANI, Ana Margô; SANTOS, Bettina Steren dos. **Aplicação das tecnologias digitais virtuais no contexto psicopedagógico**. Rev. Psicopedagogia 2011; 28(87): 293-305. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n87/10.pdf>. Acesso em: 21 de junho de 2019.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 3 Ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

PORTAL DISXCLUB. Disponível em: <http://www.dislexclub.com/aplicativo-aramumo/>
Acesso em 21 de junho de 2019.

PORTAL GOOGLE PLAY. Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.CV.GBookGuardioes&hl=pt_BR. Acesso em 21 de junho de 2019.

PORTAL SMARTKIDS. Disponível em: <https://www.smartkids.com.br/jogos-educativos>.
Acesso em 21 de junho de 2019.

PORTAL SILABANDO. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/.silabando>
Acesso em 21 de junho de 2019.

PORTAL PALMAKIDS. Disponível em <https://play.google.com/store/apps/palmakids>.
Acesso em 21 de junho de 2019.

PRETTO, Nelson De Luca. **A geração alt+tab vai pras ruas**. Jornal da Ciência, 25 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=88361> >. Acesso em: 21 de junho de 2019.

ROSA, Ivete Pellegrino. **Psicopedagogia clínica**: um modelo de diagnóstico compreensivo das dificuldades de aprendizagem. São Paulo: Porto das Ideias, 2009.

SAMPAIO, Simaia. **Manual prático do diagnóstico psicopedagógico clínico**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

SAMPAIO, Maria Narcizo. LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. 7. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SNOWLING, Margaret Jean. **Dislexia**. 2ª ed. Livraria Santos Editora Ltda. São Paulo, 2004.

VALENTE, José Armando. **Computadores e conhecimentos**: repensando a educação. Campinas: UNICAMP, 1999.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica**: Epistemologia Convergente, Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

_____. **Técnicas projetivas Psicopedagógica e pautas gráficas para a sua interpretação** Buenos Aires. Visca & Visca, Ediciones, 2015. 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1981.

WEISS, Alba Maria Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Psicopedagogia Clínica – uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** 13^a ed. Ver. E ampl. - Rio de Janeiro, Lamparina, 2008.